

EXPRESSÕES INDICIAIS ANAFÓRICAS

Resumo

Este estudo descreve quatro subconjuntos de expressões anafóricas que recuperam referentes representados no cotexto, mas que, simultaneamente, apontam para outro “campo dêitico”. A caracterização leva em conta a motivação de demonstrativos e advérbios, a função que desempenham no discurso e as relações de subjetividade instituídas pelo fenômeno dêitico.

Palavras-chave: campo dêitico; subjetividade; motivação.

Abstract

This study describes four subsets of anaphoric expressions that recover referents represented in the cotext, but that, simultaneously, point for another “deictic field”. The characterization takes into account the motivation of demonstratives and adverbs, the function carried out in the discourse and the subjectivity relationships instituted by any deictic phenomenon.

Introdução

Temos designado como *expressões indiciais* os sintagmas formalmente constituídos de elementos dêiticos, principalmente demonstrativos e advérbios demonstrativos que, em posição substantiva ou adjetiva, desempenham no discurso a função fórica de propiciar a busca de informações localizadas ou no cotexto, ou no conhecimento partilhado dos interlocutores, ou na situação extralingüística, ou, ainda, simultaneamente, em mais de um desses “campos dêiticos”¹ (cf. BÜHLER, 1934).

Adotando a visão de que os referentes não preexistem ao discurso, mas são estabelecidos e trans-

formados por ele, em situações de uso específicas e dentro de um dado contexto cultural, partimos da hipótese de que a forma de designá-los é também suscetível de constantes reelaborações em decorrência de determinações variadas (ver MONDADA, 1994). Analisaremos, no presente artigo, somente as expressões indiciais **anafóricas**, refletindo apenas sobre as inter-relações entre certos aspectos estruturais e as diferentes motivações do elemento dêitico de que são marcadas.

Numa perspectiva ampla, nem sempre as anáforas implicam, necessariamente, identidade referencial (ou correferência), mas todas elas realizam algum tipo de “*retomada*” (conforme definição de MARCUSCHI e KOCH, 1998), isto é, todas promovem a continuidade de um ponto central de referência, ainda que, por vezes, se trate de uma recuperação indireta, em que a identificação só é possível por meio de complexos processos inferenciais.

Mostraremos a existência de quatro grupos de expressões indiciais anafóricas que remetem a informações pontualizadas no cotexto, ao mesmo tempo que assinalam a presença do enunciador, ou conduzem o olhar do destinatário para pontos precisos do discurso.

Quatro situações de dupla remissão

As anáforas que descreveremos retomam sempre entidades reconhecíveis no cotexto, mas seus elementos dêiticos executam também uma indicialidade como que “independente” da remissão operada pelo sintagma inteiro, ao apontarem livremente para um dos seguintes campos mostrativos:

- para o espaço extralingüístico;
- para o conhecimento acumulado na memória comum dos interlocutores;
- para a organização dos elementos no texto,

¹ Afirma Bühler (1934) que as expressões dêiticas só referem dentro de um *campo dêitico* da linguagem, o qual se orienta por um sistema de coordenadas cujo *ponto zero*, o *origo*, é estabelecido pelo *eu* e pelo *aqui-e-agora*.

considerando suas dimensões físicas (gráficas) a partir da última formulação do falante;
-para informações do próprio texto, mas desprezando o referencial do falante.

Os anafóricos dêiticos

Certas expressões anafóricas indicam, de modo híbrido, dois espaços dêiticos: retomam um referente do ambiente cotextual e também o situam em relação ao posicionamento do sujeito no “tempo de formulação”² (cf. FILLMORE, 1997), conforme verificamos no exemplo seguinte:

(1) *No que se refere à Dança, pretendemos que nossos coreógrafos e dançarinos sigam o caminho que se adotou na Europa mediterrânea renascentista (e posteriormente na barroca) para a criação daquilo que hoje chamamos de “dança clássica”. Ali, no século XVII (o de Lully e outros), foi que os passos da dança popular italiana foram codificados e introduzidos, na corte, como uma dança a partir daí universalizada e com foros de erudita. (E040 - projeto cultural - NELFE³)*

“Ali”, em (1), recupera uma localização espaço-temporal representada no cotexto por “na Europa mediterrânea renascentista (e posteriormente barroca)”, porém, a um só tempo, sinaliza para o leitor que o objeto referido se encontra **distante** do sujeito na situação real de comunicação, o que justifica a escolha do advérbio de terceira pessoa.

Pelo fato de marcarem, diretamente, o aqui-e-agora em que se acha o falante durante o ato de comunicação, preservando, assim, um valor dêitico originário, estes anafóricos se caracterizam como dêiticos genuínos. Preferimos denominá-los como *anafóricos dêiticos* (e não como expressões com uso dêitico “anafórico”, tal qual se vê em FILLMORE, 1997, e em LEVINSON, 1983⁴), porque a função do advérbio, nestas ocorrências, é eminentemente **anafórica**, de vez que ele apenas remete a um referente que já foi previamente introduzido, mantendo o foco de atenção sobre ele e realizando, dessa maneira, o que Ehlich

(1982) classifica como *procedimento anafórico*⁵. Contudo, poderíamos sustentar que, paralelamente, o elemento indicial desempenha o *procedimento dêitico* de salientar o referente, só que na situação de fala. Mas é preciso entender que a informação anafórica, em usos como (1), se coloca ao nível do *dito*, sendo, por isso, mais proeminente, enquanto que o referencial dêitico do enunciador se expressa no nível do *não-dito*, ou seja, do *pressuposto*, como diferencia Ducrot⁶ (1977).

Os anafóricos dêiticos são indiciados quase sempre por advérbios, geralmente pronominais, quando aparecem em função substantiva, como: *aqui, ali, lá*. Quando compõem sintagmas nominais, ficam em posição adjetiva e funcionam como modificadores, como em: *o artesanato aqui, os trabalhadores ali, o caipirinha lá*, etc. Mais freqüentemente, expressam lugar, mas, às vezes, fixam um referencial no tempo, como: *o jornal de hoje, a reunião de ontem* etc.

Os anafóricos de apelo à memória comum

Casos existem em que os anafóricos retomam apenas uma parte do referente mencionado no cotexto e estendem o aspecto referido a outras situações afins, contextualmente inferíveis. Repare-se nas seguintes ocorrências:

(2) *Torcidas*

Excelente a reportagem “Porrada futebol clube” (ISTOÉ 1519). Quem vai ao estádio para brigar não torce para o time, mas para a torcida.
REGINALDO ALVES DE OLIVEIRA
Hortolândia – SP

Muito boa a matéria. Até quando vamos conviver com essa violência absurda?
CAROLINA ALVES COSTA
Belo Horizonte – MG

Minha revolta é tanta que ousou dizer que esses desocupados, sanguinários, são filhos do diabo.
JUVAN C. SOUZA
São Paulo – SP ((E) cartas ao editor)

O demonstrativo de segunda pessoa, em (2), foi selecionado para instruir o destinatário a vasculhar,

² O tempo de formulação, ou “coding time”, é definido por Fillmore (1997) como o momento durante o qual tem lugar o ato de comunicação. Diferencia-se do “encoding time”, que é o tempo em que a mensagem está sendo codificada.

³ O exemplo faz parte do acervo do Núcleo de Estudos Linguísticos de Fala e Escrita (NELFE), sob a coordenação do Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi, na Universidade Federal de Pernambuco. Todos os exemplos foram aqui introduzidos por (E) ou (F), para assinalar que o trecho pertence a um discurso escrito ou falado, respectivamente.

⁴ A proposta de Fillmore, 1997 (adotada por Levinson, 1983), classifica três possibilidades de *uso dêitico* de uma expressão referencial: o *gestual*, que depende do monitoramento do ouvinte na situação real de fala; o *simbólico*, que dispensa esse monitoramento e se baseia em pistas convencionais da linguagem; e o “*anafórico*”, que se caracterizaria por uma recuperação correferencial. Uma vez que não aceitamos, porém, a noção de anáfora como equivalente à de correferência, atribuímos o emprego “anafórico” ao tipo de função discursiva em que se dá a continuidade de um ponto central de referência.

⁵ Segundo Ehlich (1982), ao empregar uma anáfora, a instrução que o falante dá ao ouvinte é exatamente oposta à que ele daria se usasse um elemento dêitico, pois o anafórico instrui o destinatário a tratar o referente previamente verbalizado como permanecendo em foco.

⁶ Ducrot (1977) sugere que toda pressuposição depende de um ato de fala particular, e está limitada, portanto, ao contexto enunciativo.

em seu conhecimento sobre o assunto, os objetos introduzidos no discurso em primeira menção, mas já apresentados como velhos por meio de “essa” e “esses”. Pistas como o título “Torcidas”, ou como “a reportagem Porrada futebol clube” e “brigar” viabilizam o processo inferencial que permite a qualquer leitor identificar “essa violência absurda” e “esses desocupados, sanguinários” como relacionados a incidentes de brutalidade dos torcedores, os quais foram noticiados pela revista.

Com o demonstrativo de terceira pessoa, o efeito é semelhante, mas com a diferença fundamental de que o tempo/espaço real do ato de fala é, concomitantemente, sugerido pela forma. Note-se isto no exemplo (3):

(3) *Gostaria de pedir desculpas por não te dar a atenção que você merece ter; afinal fazem séculos que não te escrevo. Pra falar a verdade, eu só te escrevi uma carta (lembra?! aquela mais ou menos apaixonada!) e uma centena de bilhetinhos. Eu só não fico tão preocupado porque sei que você me conhece e sabe que escrever nunca foi o meu forte. (E004 - carta pessoal - NELFE)*

Através do atributo “mais ou menos apaixonada”, o referente é recategorizado e, através do demonstrativo, o leitor é orientado a refocalizar a entidade com a ajuda de conhecimentos partilhados pelos interlocutores. *Aquele* e variantes constituem, assim, um poderoso recurso de remissão ao passado (um ponto distante do *origo*), e possibilitam uma indicialidade ainda mais híbrida, por apontarem para o cotexto, para a memória comum e para o espaço físico real, ainda que pressuposto.

Os anafóricos que assinalam o espaço físico do texto

Somente em uma situação de uso, representada sobretudo pelo par contrastivo *este/aquele*, os anafóricos são capazes de demarcar o local preciso do espaço textual em que se encontra a fonte referida. São ocorrências raríssimas, próprias do discurso escrito, exemplificáveis por empregos como:

(4) *São instrumentos como a rabeça, a viola dos cantadores e o marimbau (berimbau de lata ou de cabaça), este último percutido ou tocado com arco. (...) Em 1995, a Batalha das Tabocas estará completando anos, uma vez que foi travada a 3 de agosto de 1645. Data também importante - e esta a ser comemorada por uma Ilumiara - é o centenário do*

Arraial de Canudos, estabelecido em 1893 e destruído a 5 de outubro de 1897. (E040 - projeto cultural - NELFE)

Tradicionalmente, de acordo com os preceitos da gramática normativa, *este* refere algo citado por último no discurso, enquanto que *aquele* retoma o elemento que aparece primeiro. Delimitar com exatidão o posicionamento da fonte é uma característica peculiar aos dêiticos discursivos, não aos anafóricos, entretanto este caso foge ao comportamento típico das anáforas ao desempenhar o *procedimento dêitico* de refocalização do objeto discursivo e de marcação de lugares na disposição gráfica do texto.

Aqui se delinea, com clareza, a metáfora da transposição do campo mostrativo real para o campo mostrativo textual, tal como idealizada por Bühler (1934), pois o par *este/aquele* toma por referencial o último ato de fala do enunciador, avaliando, a partir daí, as noções de proximidade e distância da entidade referida. A única diferença é que o falante é situado não no espaço extralingüístico, mas na ordenação linear do texto. O maior propósito deste emprego é desambigüizar a remissão, daí por que, certas vezes, o demonstrativo ganha o reforço de um adjetivo como “último”, como em (4), ou mesmo de um advérbio⁷ como *este aqui*, para que não parem dúvidas na identificação.

Os anafóricos que negligenciam o origo

Numerosas ocorrências de anafóricos cujos indiciais resgatam entidades do cotexto não consideram, todavia, o referencial do falante. Manifestam-se, principalmente, pela oposição *este/esse* e apenas dirigem o foco de atenção do destinatário para o ambiente do texto, sem se preocupar com a indicação precisa do local onde foi fixada a fonte. São exemplos como:

(5) *Ao final dos trabalhos... com fundamento na decisão do conselho no plenário... o juiz eh: anunciou a sentença absolutória... por cinco votos a dois... o conselho de sentença decidiu pela absolvição... de S. R. J.... Doutor C. R. S., da M..., a que deve-se esta decisão absolutória? (F040 - programa policial - NELFE)*

Embora ditem as normas da gramática tradicional que o demonstrativo de primeira pessoa se presta a mostrações prospectivas, e que o de segunda pessoa é utilizado para retomadas retrospectivas, sabemos que, no dia-a-dia, essa “regra” é violada a todo instante, fato nunca negado pelos próprios gramáticos. Assim, no exemplo (5), onde se esperaria *esse*, emprego convencional para as remissões para trás, en-

⁷ Os advérbios expressam com mais intensidade a presença do sujeito no discurso, porque as noções de lugar e tempo, essenciais para a delimitação do espaço do falante, já vêm inscritas em suas propriedades léxico-semânticas. Afirma-mos, por isso, que as formas adverbiais têm maior grau de deiticidade do que as demonstrativas.

contra-se *este*, sem que isso comprometa, no entanto, a compreensão do enunciado.

Deixando de lado, neste momento, a concorrência de motivações de ordem estilística, mas admitindo sempre a possibilidade de uma determinação por valores afetivos, diremos que é justamente a neutralização do traço de proximidade/distância em relação ao falante que favorece o uso indistinto de *este* ou *esse*. Diferentemente do condicionamento físico do par *este/aquela*, que se pauta pelo tempo de formula-

(6) lá chegando, informou-me que v. estava a procurar alguém p/ ir ao show do Edson Cordeiro, ora veja!! Fiquei P. da vida (já deduzindo que **esta** era a verdade) (E028 – bilhete - NELFE)

Não se deduza, com isso, todavia, que o contraste *este/esse* põe em xeque a natureza dêitica das expressões anafóricas que os contêm, pois elas não deixam de exercer o *procedimento dêitico* pelo qual a atenção comum dos interlocutores é conduzida para os objetos de discurso referidos.

Os demonstrativos emprestam, portanto, às expressões indiciais anafóricas, um valor salientador que atrai o olhar dos interlocutores para a entidade refocalizada, e que fortalece o caráter subjetivo de sua deiticidade.

Conclusão

Dos quatro subtipos de expressões indiciais anafóricas aqui estudados, os que neutralizam o traço de proximidade em relação ao enunciador se descrevem somente por um dos parâmetros de subjetividade: o do *procedimento dêitico* de orientar o foco de atenção comum dos interlocutores para um dado objeto de discurso. Sob esse prisma, podemos afirmar que é esta a anáfora indicial com menos deiticidade.

Este trabalho sugere que a oposição *procedimento dêitico* vs. *procedimento anafórico* não pode estar vinculada ao contraste entre os fenômenos gerais de dêixis e anáfora, nem tampouco à complexa distinção entre anafóricos e dêiticos discursivos, pois há necessidade de se ter em conta o **papel cognitivo-discursivo** não apenas da expressão referencial como um todo, senão também do elemento indicial com que o sujeito imprime sua marca no discurso.

ção do enunciador, este caso despreza tal espécie de orientação subjetiva, reduzindo, assim, seu **grau de deiticidade**.

Os demonstrativos instauram, aqui, um movimento de busca no cotexto, mas não fornecem ao destinatário o endereço fixo da localização do referente, porque semelhante informação, em vista dos propósitos do falante na construção do sentido, não lhe parece ter a menor relevância, como se percebe pela comparação seguinte:

lá chegando, informou-me que v. estava a procurar alguém p/ ir ao show do Edson Cordeiro, ora veja!! Fiquei P. da vida (já deduzindo que **essa** era a verdade) (E028 – bilhete - NELFE)

Referências bibliográficas

- BÜHLER, Karl. (1934). The deictic field of language and deictic words. In: R. J. JARVELLA e W. KLEIN (eds.) *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1982, 9-30.
- DUCROT, Oswald. (1977). *Princípios de semântica lingüística – dizer e não dizer*. Trad. de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari, Rosa A. Figueira. São Paulo: Cultrix.
- EHLICH, Konrad. (1982). Anaphora and deixis: same, similar, or different? In: R. J. JARVELLA e W. KLEIN (eds.) *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1982, 315-338.
- FILLMORE, Charles. (1997). *Lectures on deixis*. Stanford, California: CSLI Publications.
- LEVINSON, Stephen C. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio e KOCH, Ingedore Villaça. (1998). *Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada*. UFPE. (mimeo.).
- MONDADA, Lorenza. (1994). *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets de discours*. Lausanne: Université de Lausanne. - Tese de Doutorado.